

“Enquanto houver estrada para andar”

Com *Viagem a Portugal*, espectáculo que escreveu e dirigiu, Joana Craveiro regressa ao Festival de Almada, partindo da obra homónima de José Saramago. A peça assume uma plasticidade própria e concreta: a do espectáculo dramático, com cenários reinterpretados, personagens refiguradas, resgatando para o palco um espaço físico muito particular, o de Portugal, pela voz reinterpretaiva do Nobel Português. O público, sem sair do seu lugar, torna-se o viajante, que não simplesmente turista, que Saramago preconiza: “Há grande diferença [entre ser viajante e turista]”.

Em *Viagem a Portugal* coloca-se um conjunto de questões, e o “como chegámos aqui?” preconiza uma ideia de movimento, uma viagem interior que convoca uma memória histórica não materializável, para lá do espaço físico. É num “Portugal a cores”, a várias velocidades, que em *Viagem a*

Portugal se mergulha, recusando um pensamento, um discurso nada cristalizado: “O fim duma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto”.

“Não sei por onde vou, só sei que não vou por aí”, escrevia Régio. É uma interrogação introspectiva de um eu, de um nós, que nos múltiplos olhares, visões, buscam uma empatia nos diferentes enquadramentos históricos e culturais que ao longo dos tempos criaram muitas vezes a ilusão de que Portugal se constitui por uma identidade única.

Aqui, a pergunta que Joana Craveiro integra na sua viagem a Portugal (“Que heranças de 48 anos de ditadura perduraram ou perduram?”) faz recusar a ideia de uma identidade comum. Esta viagem a Portugal, que a autora e encenadora convoca, consiste numa manifestação permanente de diferenças onde é possível construir uma harmonia, um diálogo entre todos



Viagem a Portugal está em cena no Fórum Romeu Correia até domingo

os que neste Portugal habitam.

Entenda-se esta viagem a Portugal como metáfora do que nós somos na relação com o outro, que muitas vezes não quer ser visto, e quer sobretudo ser respeitado nas diferenças que o faz único. Joana Craveiro entende que é neste di-

verso, das várias velocidades, das várias cores, da equalização dos sons, vozes e discursos que nunca se chega a terminar verdadeiramente uma viagem... “Enquanto houver estrada para andar” estaremos sempre em construção. | **Pedro Barros**

Um assunto de todos nós

Na esplanada da Escola D. António da Costa ouviram-se ontem muitas vozes daqueles para quem a guerra colonial não é assunto fechado. O espectáculo *Um gajo nunca mais é a mesma coisa*, encenado por e com texto de Rodrigo Francisco, fala dessa guerra e do nosso passado colonial. Tal como Rodrigo Francisco explicou, iniciado há cerca de dois anos, o texto começou a ser pensado a partir de testemunhos de ex-combatentes e da leitura de textos que nos últimos tempos têm trazido para a discussão na esfera pública acontecimentos e vivências, acções e representações, desocultando pontos de vista diferentes sobre as várias faces da guerra – ou das guerras dentro da guerra, como alguns dos presentes

disseram - e pondo em causa as narrativas hegemónicas que a “arrumam” num passado ora glorioso, ora condenável. Mas, como foi salientado pelo encenador, o que resultou desse tempo de pesquisa e de procura de compreensão dos conteúdos da matéria documental foi uma ficção que transforma o circunstancial em universal e pode implicar-nos a todos.

As várias intervenções na esplanada trouxeram, sobretudo, à conversa os temas que no espectáculo evidenciam o próprio modo como hoje vivemos o binarismo, a tensão conflituosa entre pontos de vista que têm conduzido a posições extremadas e à manifestação organizada, por exemplo, de valores racistas e xenófobos. A personagem da estudante inglesa que



introduz no espectáculo o discurso feminista, mas sobretudo que ocupa o lugar da invectiva crítica às sociedades ex-coloniais, foi motivo de discussão como estando na base dessa deriva extremista. Mas tornou-se evidente que a memória dos eventos do passado é a sua construção no presente, marcada por uma necessidade de dar sentido a experiências muitas vezes traumáticas.

E ouviram-se palavras fortes e emocionadas para falar do sentimento de abandono e de juízo in-

justo acerca da participação dos ex-combatentes na guerra, que é ainda hoje vivido também pelas suas famílias; e para rejeitar, por outro lado, o discurso do heroísmo que deve ser relativizado pelas profundas diferenças com que foi vivida essa parte de muitas vidas envolvidas.

Ficou claro, para todos, o que ainda falta falar e ficcionar até que esta parte da nossa história comum sofra o seu processo de cura e remediação. | **Maria João Brilhante**

50 ANOS DE PLATEIA

Até ao centenário



António e Colette Costa
41 anos de plateia

Assistimos aos primeiros festivais de teatro sentados nas escadinhas de Almada Velha e no pátio do Prior do Crato. Mais tarde, vimos nascer o novo Teatro, nas traseiras da nossa casa, o que nos causou estranheza

pela escolha do local e pela destruição da quinta do Sr. Manuel. A figueira foi cortada e, no seu lugar, ergueram-se as paredes azuis do Teatro. Aquilo que nos parecia uma barreira que nos impedia ver mais longe, acabou por se transformar numa janela aberta sobre o mundo, oferecendo-nos a possibilidade de refletir e sonhar com uma sociedade mais humana e mais justa.

São muitas centenas de espetáculos a que assistimos, muitos deles memoráveis, sem esquecer as noites de convívio na Esplanada.

Habitámo-nos a ver e a conviver com os frequentadores habituais do teatro que, cada ano, esperávamos reencontrar. Infelizmente, alguns já não estão entre nós. Foram 50 anos de luta e de persistência, só possíveis pelo empenho e a tenacidade do seu fundador, Joaquim Benite, a que Rodrigo Francisco e toda a equipa da CTA tem dado continuidade, mesmo nestes tempos conturbados.

Podem contar com o nosso apoio para chegar até ao centenário...

No domingo vota-se

No último dia do Festival será eleito o Espectáculo de Honra do próximo ano. De entre os espetáculos apresentados este ano, estarão a votação aqueles que poderão vir a Almada em 2022. A votação decorre no domingo à entrada para os espetáculos nos vários espaços. No boletim de voto constarão os seguintes espetáculos: *Hipólito*, *Amitié*, *History of violence*, *Aurora Negra*, *Duas personagens*, *Who killed my father*, *Cenas da vida conjugal*, *Omma*, *Corpo suspenso*, *Pastéis de nata para Bach*, *Um gajo nunca mais é mesma coisa*, *A lua vem da Ásia*, *Fake*, *Discurso sobre o filho-da-puta*, *Molly Bloom*, *Miguel de Molina al desnudo* e *Viagem a Portugal*. Por favor, traga a sua caneta.

Joana Craveiro na Esplanada

Joana Craveiro, autora e encenadora de *Viagem a Portugal*, vai estar amanhã, às 18h, na Esplanada da Escola D. António da Costa, para fechar os Colóquios na Esplanada desta edição do Festival. A moderação do colóquio será do dramaturgo e teatrólogo Rui Pina Coelho.

AGENDA DE AMANHÃ

- 18:00
Conversa com Joana Craveiro
Esplanada do Festival
- 19:00
Lorenzaccio
Sala Principal do TMJB
- 20:30
Um gajo nunca mais é a mesma coisa
Sala Experimental do TMJB
- 20:30
Viagem a Portugal
Fórum Romeu Correia
- 20:30
Discurso sobre o filho-da-puta
Teatro-Estúdio António Assunção
- 20:30
Miguel de Molina al desnudo
Academia Almadense
- 20:30
Molly Bloom
Incrível Almadense

O FESTIVAL VISTO DE FORA

O encanto de Almada é conhecer pessoas

Antes de ter sido convidada para o Festival, já tinha estado em Lisboa algumas vezes, mas nunca me ocorreu atravessar o rio, pois nunca estive em Lisboa tempo suficiente para o fazer. Quando a Needcompany foi convidada pela primeira vez para o Festival, fiquei surpreendida por descobrir Almada, esta cidade relaxada e com tantas coisas para descobrir. O Festival em si mesmo tem uma vibração de descontração, com uma equipa cheia de entusiasmo e um público surpreendente e caloroso que nos faz sentir bem-vindos e amados. Há um sentimento de fraternidade artística, e isso deve-se, definitivamente, ao facto de os próprios organizadores serem uma companhia de teatro. Sabem o que significa fazer um es-

petáculo, quais podem ser os problemas, quais as dificuldades.

Para mim, o Festival de Almada é também sobre conhecer pessoas. É bom ir à Esplanada e ao Teatro Municipal, comer qualquer coisa, conhecer o público e outros artistas, e conversar. Há vida para além do Festival. Nas duas últimas vezes que estive aqui com a Needcompany, fui convidada a ter uma conversa com um jornalista, ou um dramaturgo, ou mesmo um professor, na presença do público. Até hoje, lembro-me dessas conversas, na medida em que vão para além do trabalho do momento e discutem a relação do trabalho com a vida contemporânea: como os locais pensam, sentem e entendem as propostas artísticas...

Quando disse ao director do



© Luana Santos

Festival que o Jan Lauwers e eu estávamos a planear fazer a *Molly Bloom*, ele mostrou imediatamente interesse. Estar aqui agora, e aceitar esse convite... é um presente artístico para mim. O texto de *Molly Bloom* é - tratando-se de Joyce - um texto muito denso, mas muito rico, e espero que o público o aprecie tanto como eu. Terei todo o prazer em regressar um dia ao Palco Grande, e espero ter a oportunidade de - nestas circunstâncias peculiares - falar com o público e com os outros artistas. Será bom vê-los de novo, e ao director, que foi tão amável em convidar-nos novamente. | **Viviane De Muynck**

RESTAURANTE DO TEATRO

HOJE
Roti de porco
Caril de salmão

AMANHÃ
Fusili com salsicha picante
Salada de feijão frade

Teatro Municipal Joaquim Benite
Av. Prof. Egas Moniz • Almada